

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO – Maio/2007 – Vol. II

UM ESTUDO DISCURSIVO DE DIVERSOS DICIONÁRIOS A PARTIR DO VOCÁBULO BRASIL

Larissa de Souza LOPES

(Orientadora): Profa. Dra. Suzy Lagazzi-Rodrigues

RESUMO: Ao comparar definições de um mesmo verbete em vários dicionários, encontram-se algumas diferenças que são frutos da ideologia da época em que foram feitos, pois as definições são determinadas por fatores políticos, econômicos e sociais. Partindo dessa perspectiva, serão analisados o vocábulo *brasil* e outros relacionados a ele, através da ligação denominada “palavra-puxa-palavra” (Silva, 1996) nos dicionários.

Palavras-chave: Análise discursiva de diversos dicionários.

Segundo o livro do filólogo brasileiro Adelino José da Silva, publicado em 1967, *brasil* é uma palavra de procedência celta, embora suas origens mais remotas possam ser rastreadas até os fenícios. Este povo manteve um intenso comércio de um corante vermelho que se extraía de um mineral cujos principais provedores eram os celtas, povo minerador que explorava jazidas da Ibéria até a Irlanda (WIKIPÉDIA).

Consultando o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de José Pedro Machado de 1952, o vocábulo *brasil* está registrado e fica documentado desde pelo menos o séc. XIV em português; este dicionário também o traz como topônimo afirmando que “o uso do s. *brasil* em Port. (como se viu, bastante anterior a 1500) e o facto de, quando muito, quinze anos depois o mesmo voc. já denominar (certamente de maneira indeterminada quanto à extensão territorial) a vasta região sul-americana” fazem J. P. Machado contrariar “a interessante hipótese de João Ribeiro, para quem o nome da sua pátria seria o ‘primeiro galicismo’ recebido pelos brasileiros.”:

Brasil, s. e *top.* É costume derivar este termo da *brasa*, o que parece um tanto estranho pela suposta intervenção e presença de um suf. *-il*, tónico, sem vida em Português, nem mesmo na sua fase arcaica. *O voc., em port., já se documenta, pelo menos, no séc. XIV (1377): “Item de Sene E de çoféina E de brasil que trouerem ou leuarem também vezinhos pagam dizjma...”*, em *Descobrimentos Portugueses*, I, p. 53. Denomina produto que não é oriundo do solo português, nem mesmo do hispânico; o pau deve-nos ter vindo por intermédio de negociantes italianos, os intermediários, durante os últimos

séculos da Idade-Média, entre a Europa e a Ásia. Creio, por isso, que o étimo do s. *brasil* está no it. *brasile*, de que se ocupa o *D. E. I.*, cujo texto transcrevo: “(XII séc., Italia sett.); sorta di legno rosso orientale da tintori; cfr. fr. *brésil* (XII séc.), prov. *brezil*, spagn. *brasil*; lat. medioev. *grana de brasile* (a. 1193, Italia sett.), de *kerka brisilli* (a. 1163; *Kerka*=quercia), *braxile* (a. 1264, a Bologna), ecc., a sic. *birczi*, *verczi*, *virzi* (XVI sec., Scobar), dall’ar. *wars* uma planta gialla simile al sesamo, oriunda dallo Jemen, con cui si prepara un’acqua usata contro i bitorzoli e una sostanza colorante ...Direttamente dall’arabo potrebbero derivare le voci calabr. *virz’idda*, *biz’ z’idda* cocciuola, pequena enfiatura, *virz’ilu* orzaiuolo, ecc., forme che presuppongono um agg. ar. *warsi...*”. Há realmente em ár. um voc. *uars*, que designa certa “planta utilizada em tinturaria para dar o tom amarelo-avermelhado”; acontece, porém, que, ao lado dos verbos *uarrasa* (“tingir um tecido com aquela planta”) e *aurasa* (“produzir [um solo] em abundância a mesma planta; cobrir-se de folhas [uma árvore]; tornar-se amarelo”), existe realmente o adj. *uarssii*, “que tem um tom amarelo-avermelhado”. Não creio, porém, que o topónimo *Brasil*, nome da grande nação da América do Sul, se deva a intervenção do fr., como pretendeu João Ribeiro (*Colmeia*, 2ª. Série, pp. 233-239); convém, antes de tudo, averiguar quando se começou a denominar assim essa região. Em 1510 escrevia Gil Vicente: “Começay de nauegar / yreis ao porto de Guinee / perguntay lhe cujo he / que o nam pode negar. / Com ylhas mil / deyxay a terra do Brasil / tendeuos aa mão do sol...”, *Auto da fama*, em *Copilaçam*, fl. CXCIX. vs., a. Não podemos, porém, garantir que *Brasil*, neste caso, seja um top.; pode dizer-se que se trata de caso paralelo a: *Terra do Fumos*, *Terra dos Cafres*, *Terra da Seda*, etc. Indiscutível, porém, é este outro passo: “As trimta ffolhas Achares o *brazyle*. / &c”, em *O livro de Francisco Rodrigues*, redigido antes de 1515. *O uso do s. brasil em Port. (como se viu, bastante anterior a 1500) e o facto de, quando muito, quinze anos depois o mesmo voc. já denominar (certamente de maneira indeterminada quanto à extensão territorial) a vasta região sul-americana, fazem-me pôr de parte a interessante hipótese de João Ribeiro, para quem o nome da sua pátria seria o “primeiro galicismo” recebido pelos brasileiros*. Para bibliografia: *Nasc.-II*, s. v. // Deriv.: **brasileiro**, de *Brasil*, top.; séc. XVIII? Sobre o uso deste voc., vj. Artigo de J. de Sá Nunes na *Revista de Portugal*, XVII, N.º 109, p. 302; **brasileirice**, séc. XIX: “...umas *brasileirices* inflamatórias que pareciam feitas de aromas de bananas...”, Camilo, *A corja*, cap. 4, p. 171; **brasileirismo**, séc. XX?; **brasileirense**, no séc. XVII: “Méros. He peixe Brasilense, e marino”, Francisco da Fonseca Henriques, *Âncora Medicinal*, p. 123, ed. de 1749; **brasilete**, séc. XIX (1813), Morais; **brasiliada**, no séc. XIX (1815): *Brasiliada* ou Portugal immune, e salvo. Poema épico em doze cantos...”, por Tomás António dos Santos Silva; **brasílico**, no séc. XVI: “...se representou pelos índios um diálogo pastoril, em lingua *brasílica*, portugueza e caslhana...”, P. Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, p. 303, ed. de 1925; cf. também p. 328.

Ao consultar o Dicionário de Antonio de Moraes Silva, editado em 1813, vê-se que *brasil* era tratado como adjetivo e como substantivo no plural para designar os nativos da região; ainda não era usado o termo *brasileiro*, pois o Brasil era apenas uma colônia de exploração, porém já estava em andamento o processo de independência, com a vinda da coroa portuguesa e a abertura dos portos às nações amigas em 1808 e a elevação do Brasil à categoria de Vice Reino, tornando-se Reino Unido a Portugal e Algarves, em 1815.

BRASÍL, adj. *Pao brasil*: vermelho, de que se extrahe tinta da mesma còr, cosinhando-o em agua. § *Còr brasil*; i. é, de páo brasil. § *Os Brasís*: os Índios naturaes do Brasil.

Nesse dicionário ainda não é encontrado o gentílico *brasileiro* que surgiu no séc. XVI e se referia inicialmente apenas aos que comercializavam pau-brasil. Passou depois a ser usado informal e costumeiramente para identificar os nascidos na colônia e diferenciá-los dos vindos de Portugal; entretanto, foi só em 1824, na primeira constituição brasileira, que o gentílico *brasileiro* passou legalmente a designar as pessoas naturais do Brasil (WIKIPÉDIA).

Mesmo após mais de um século, no Dicionário de F. J. Caldas Aulete, de 1948, é encontrada uma definição de *brasil* bastante semelhante à de Moraes:

Brasil (bra-zil), s. m. planta leguminosa, de que se tira o pau-brasil. // -, s. m. e adj. nome do pau vermelho empregado em tinturaria. // O indígena do Brasil. // -, s. m. pl. terras do Brasil, brasileiros: foi para êsses *Brasis*. (Camilo, *Noites de Lomego*, 190, 2.^a ed.). // F. Brasa+il.

A partir da segunda metade do século XX não é registrado mais o vocábulo *brasil* nos dicionários, essa falta aconteceu pelo uso desse, principalmente, como substantivo pátrio, caindo em desuso os outros significados.

Porém, *brasileiro* é encontrado no de Caldas Aulete e no Larousse Cultural, de 1993, como se pode ver abaixo, respectivamente:

Brasileiro (-lâi-), adj. relativo ao Brasil. // -, s. m. natural do Brasil. // (Pop.) Português que residiu no Brasil e regressou com alguns haveres; ricaço. // F. *Brasil*, n. p.+eiro.

BRASILEIRO adj. Relativo ou pertencente ao Brasil; brasiliense. ♦ s. m. Indivíduo natural ou habitante do Brasil; brasiliense.

No Larousse nota-se a presença do sinônimo de *brasileiro*: *brasiliense*, no qual é trocado o sufixo -eiro para -iense, ocorrendo aí uma mudança interessante, pois de todos os adjetivos pátrios apenas o do Brasil é terminado com o sufixo *eiro*, que, para muitos, é considerado um sufixo pouco nobre,

como escreveu o escritor Luís Fernando Veríssimo no *Jornal do Brasil*, publicado no dia 7/10/95:

“A leitora Elza Marques Martins me escreve uma carta divertida estranhando que ‘brasileiro’ seja o único adjetivo pátrio terminado em ‘eiro’, que, segundo ela, é um sufixo pouco nobre. Existem suecos, ingleses e brasileiros, como existem médicos, terapeutas e curandeiros. As profissões de lixeiro e coveiro e carcereiro podem ser respeitáveis, mas o ‘eiro’ é sinal de que elas não têm *status*. É a diferença entre jornalista e jornaleiro, entre músico ou musicista e roqueiro, timbaleiro ou seresteiro. Há o importador e o muambeiro. ‘Se você começou como padeiro, açougueiro ou carvoeiro’ – escreve Elza – ‘as chances são mínimas de acabar como advogado, empresário, grande investidor ou latifundiário, a não ser que se dê ao trabalho político antes’. Aliás, há políticos e politiquinhos. Continua Elza: ‘Eu nunca vou chegar a colunável ou socialite se comecei como faxineira ou copeira. Você pode ser católico, protestante, maometano, budista ou oportunista ou então macumbeiro.’ Mas a leitora nota que o dono do banco é banqueiro enquanto o funcionário é bancário, o que pode ser um julgamento inconsciente de caráter feito pela língua.

Elza – que por sinal se considerava uma harpeira até começar a tocar numa sinfônica e virar harpista – me sugere uma campanha nacional para passarmos a nos chamar de ‘brasilinos, brasilienses, brasilianos, brasilitanos, brasilitas, brasileus, brasilotos ou brasilões’, o que aumentaria muito nossa auto-estima e nossas chances de chegar ao mundo maravilhoso dos americanos, belgas e monegascos. (L. F. V.)”

Retornando aos dicionários: no *Caldas Aulete*, *brasiliense* é apenas adjetivo “relativo ao Brasil”; no *Larousse*, por sua vez (quatro décadas depois), *brasiliense* é “adj. 2g. 1. Relativo ou pertencente a Brasília, capital do Brasil. 2. Brasileiro. ♦ s. 2g. 1. Indivíduo natural ou habitante de Brasília. 2. Brasileiro.”

Mesmo com outras formas de adjetivos pátrios, *brasileiro* vem desde o 1.º Reinado, no qual o Brasil, mesmo independente, ainda era governado por um português, sendo muito recente a relação metrópole/colônia. Os nativos foram chamados de brasileiros e não de brasilienses ou brasilianos, o que mostra que as palavras não são neutras (conforme o texto de L. F. V.): elas carregam consigo as tensões, os conflitos e os preconceitos das relações entre os homens.

Até em outras línguas, como o Inglês, o adjetivo “Brazilian”, literalmente, é traduzido como brasileiro, contudo, é improvável que alguém diga: “Sou brasileiro(a)”, ao invés de: “Sou brasileiro(a)”, pois brasileiro já foi legitimado nesses, aproximadamente, dois séculos de uso.

Ainda na definição de brasileiro aparece o termo *natural*, que no *Dicionário de Moraes* significa, entre outras definições:

NATURAL, adj. §. Nascido: v. g. natural de França; meu natural; i. é, meu compatriota. “Fidalgo nosso natural.”

Já no Caldas Aulete há uma ampliação desse sentido:

Natural, *adj.* (...) *Fazer natural, naturalizar; nacionalizar*: Se Castela admitia estrangeiros (ao trono) era porque não tinha lei em contrário, como Portugal tem; e também porque os *fazia naturais* com a assistência contínua (*Arte de Furtar*). // -, *s. m.* indígena: Da terra os *naturais* lhe chamam Gate (Camões). // O indivíduo súbdito de um govêrno (em oposição a estrangeiro): Não há coisa mais natural que governarem-se as comunidades por seus *naturais* (*Arte de Furtar*) (...)

E no Larousse há a síntese desse sentido:

NATURAL *adj.* 2g. (lat. *naturalis*). (...) 4. Nascido, originário, procedente. (...) ♦ *s.* 2g. Originário de um lugar; nativo. (...).

Para nomear um indivíduo natural do Brasil, precisou-se um lugar definido política e economicamente de uma maneira autônoma, por isso não foi encontrado *brasileiro* no dicionário antes de se ter um Brasil independente e legalizado com uma constituição.

E, para finalizar, no Caldas Aulete ocorre *naturalizar* como sinônimo de *nacionalizar* que quer dizer – entre outros significados – “Naturalizar; conceder foros e privilégios de nacional a.” e pelo fato de que palavra-puxa-palavra no dicionário, pode-se “puxar” o vocábulo *nação*, cuja definição de Moraes vem logo abaixo:

NAÇÃO, *s. f.* *A gente de um país, ou região, que tem Língua, Leis, e Governo à parte: v. g. a Nação Franceza, Hespanhola, Portuguesa. §. Gente de Nação; i. é, descendente de Judeos, Christãos novos. §. Raça, casta, espécie. Prestes.*

E a definição de Caldas Aulete:

Nação, *s. f.* (...) A comunidade de indivíduos, embora sob vários regimes políticos, *unidos por identidade de origem, língua, costumes, religião*: Conhecendo os ministros de Inocêncio XI a grande aversão que tinha à *nação* hebreia (Vieira); (...).

Nessas duas definições ocorre de *nação* ser identificada como um território com uma unidade de língua, e se se pensar no Brasil, com todas as tribos indígenas que ainda não foram dizimadas, existem cerca de 170 línguas atualmente. Então esses indígenas não pertenciam à nação brasileira? Esses indígenas possuíam direitos e deveres de um cidadão brasileiro? Existia, verdadeiramente, uma nação brasileira?

Tais perguntas e/ou outras devem ter sido levantadas, pois no Larousse a definição de nação é mais abrangente:

NAÇÃO s.f. (lat. *natio*). 1. Comunidade humana, fixada em sua maioria num mesmo território, cujos membros estão *ligados por laços históricos, étnicos, lingüísticos e culturais*. 2. País. 3. O governo de um país. 4. Povo ou tribo indígena. ♦ s.f.pl. Na literatura bíblica, os povos pagãos, p. opos. aos escolhidos.

E no Mini Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira não ocorre essa implicação, pois vem implícito que, algumas vezes, em uma nação há mais de uma língua, como pode ser notado abaixo:

nação *sf.* 1. Agrupamento de seres, geralmente fixos num território, ligados pela origem, tradições, costumes, etc., e, *em geral, por uma língua*; povo. 2. País (3). 3. O povo dum território organizado politicamente sob um único governo.

Pela análise de diferentes dicionários em diferentes épocas vê-se que eles apresentam a ideologia do período em que foram elaborados e, portanto, não se pode discuti-los apenas como os define Aurélio: “conjunto de vocábulos duma língua ou de termos próprios duma ciência ou arte, dispostos alfabeticamente e com os respectivos significados ou a sua versão noutra língua”. Os dicionários trazem marcada a história de uma sociedade, suas instituições, como também os processos de autoria que constituem o fazer dicionarístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Editorial Confluência, 1ª Edição, 1952.
- MORAES SILVA, Antonio. *Diccionario de Lingua Portuguesa*. Lisboa, Natypographia Lacérdina. Anno de 1813.
- CALDAS AULETE, F. J. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Composto e Impresso na Sociedade Industrial de Tipografia, Limitada. Lisboa, 1948.
- LAROUSSE CULTURAL – *Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Cultural, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 3ª Edição, 2ª Impressão, 1993.
- SILVA, M.V. “O Dicionário e o Processo de Identificação do Sujeito-Analfabeto”. *Língua e Cidadania. O Português no Brasil*. E.Guimarães e E. Orlandi (orgs.) Campinas, Pontes, 1996.